

e estabilização articular, finalizando com a junção das pontas por um nó cego, seguido da avaliação clínica da estabilidade gerada pelos implantes através do método de pressão de apoio mensurado com esfigmomanômetro. Verificamos que ambas as técnicas não apresentaram reações aos fios. Os animais que não apresentaram complicações no pós-cirúrgico retornaram ao apoio normal do membro em média após 12 dias. Mas no grupo que foi submetido à técnica com nylon, dois animais (33%) apresentaram complicações. Um deles apresentou ruptura do fio, com claudicação severa, e outro, retração do fio, seguido de perda funcional do membro e contratura muscular. Já no outro grupo, no qual utilizamos o fio de poliéster, todos os casos apresentaram boa pressão de apoio e não houve complicações tardias. Assim, podemos concluir que, neste estudo, os melhores resultados foram obtidos com o fio de poliéster, mas é importante considerar que o procedimento deve ser limpo por tratar-se de um fio do tipo multifilamentar e uma articulação que foi explorada via artrotomia.

Palavras-chave: Intra-articular; articulação; ruptura do ligamento cruzado cranial

- 1 Autor e Graduando em Medicina Veterinária na Universidade Metodista de São Paulo
- 2 Autor e Médico Veterinário – Trainee do Hovet-Metodista
- 3 Autor e Médico Veterinário autônomo
- 4 Autor e Médico Veterinário Diretor do Hovet-Metodista
- 5 Autor, Orientador e Médico Veterinário da Universidade Metodista de São Paulo, Professor de Cirurgia e Cirurgião Responsável do Hovet-Metodista
- 6 Autor, Orientador e Médico Veterinário da Universidade Metodista de São Paulo, Professor de Cirurgia e Cirurgião Responsável do Hovet-Metodista

Estudo comparativo entre radiologia e ultrassonografia modo B em casos de efusão pleural de cães e gatos

Pires, S. T.¹; Hage, M. C. F. N. S²; Sarto, C. G.¹

A efusão pleural ocorre pelo acúmulo de líquido no espaço pleural, devido ao desequilíbrio entre a formação e a reabsorção de fluido ou por alteração na drenagem linfática. As efusões têm a capacidade de transmitir sons, permitindo a visualização de estruturas torácicas que não eram visibilizadas ao exame ultrassonográfico, devido ao pulmão aerado. Este estudo comparou achados radiográficos e ultrassonográficos modo B, em quatro animais atendidos no Hospital Veterinário do Departamento de Veterinária da Universidade Federal de Viçosa, nos quais as radiografias torácicas revelaram formação de janela acústica em potencial, devido à presença de efusão pleural. O intuito do trabalho foi apontar vantagens e limitações de cada uma das técnicas, além de determinar se as informações adicionais tiveram impacto no diagnóstico por imagem e, portanto, no diagnóstico diferencial. Ao término do estudo, foi observado que o exame radiográfico proporcionou uma visão panorâmica da cavidade torácica, indicando com melhor precisão a extensão da doença, além de determinar o local apropriado para a realização do exame ultrassonográfico. Porém, apresentou limitações como subestimativa da quantidade de efusão (3), impossibilidade de inferir sobre a natureza do líquido (4) e efeito silhueta (3). O exame ultrassonográfico proporcionou impacto sobre o diagnóstico diferencial em todos os animais avaliados, como melhor estimativa da quantidade de efusão pleural (3), informações qualitativas quanto à natureza da efusão (4) e identificação de estruturas não visibilizadas ao exame radiográfico, como pulmões atelectásicos (3), nódulo (1) e linfonodos em mediastino cranial (1). Em dois animais, houve impacto sobre o desfecho do caso, um deles, devido à exclusão de ruptura diafragmática, e outro, devido à visualização de linfonodos que sugeriram linfoma, confirmado posteriormente. O exame radiográfico prévio proporcionou uma visão panorâmica da cavidade torácica,

permitindo a identificação de janelas acústicas em potencial para a abordagem ultrassonográfica. O exame ultrassonográfico permitiu a individualização de estruturas obscurecidas pelo efeito silhueta ao exame radiográfico, mostrando-se de grande auxílio para o clínico na avaliação de animais com efusão pleural.

- 1 Mestranda do Setor de Radiologia do Departamento de Veterinária da Universidade Federal de Viçosa
- 2 Professora Doutora Adjunta II do Departamento de Veterinária da Universidade Federal de Viçosa

Estudo de pontes de miocárdio junto às artérias coronárias em cães

Gomes, F. G. F. L. R.; Farias, E. L. P.; Veronez, D. A. L.

Na atualidade, o coração tem sido um importante objeto de pesquisa, principalmente com o aumento na incidência de doenças cardiovasculares no mundo. Os ramos arteriais provenientes das artérias coronárias, interventriculares subsinuoso e paraconal, e seus ramos circunflexos podem apresentar segmentos com trajetos intramiocárdicos, denominados pontes de miocárdio. A extensão, largura e espessura das pontes, assim como sua localização, são bastante variáveis. Os segmentos arteriais tornam-se novamente superficiais, podendo ocorrer mais de uma ponte durante seus trajetos. As pontes miocárdicas são variações da anatomia normal do indivíduo, porém, em alguns casos, podem ser vistas como uma alteração patológica. A influência de pontes de miocárdio no fluxo sanguíneo através das artérias coronárias e seu envolvimento em várias doenças cardiovasculares, incluindo o desenvolvimento de arteriosclerose, infarto e isquemia e fibrilação ventricular súbita, têm sido discutidos. A literatura mostra que as pontes do miocárdio, por si só, não induzem a alterações miocárdicas importantes. Estudos recentes evidenciaram que o território ao redor das artérias coronárias pode mostrar modificações histomorfológicas. O fluxo sanguíneo pode ser afetado se o espaço entre a ponte de miocárdio e a artéria coronária for preenchido por tecido adiposo, conectivo ou mesmo fluido. Essa relação miocárdio-arterial pode ser responsável pela redução periódica ou permanente da luz arterial. O objetivo deste trabalho é estudar a morfologia e a morfometria das pontes miocárdicas em relação à largura, espessura e espaço perivascular. Estudou-se em 30 corações de cães sem raça definida a localização das pontes de miocárdio mediante dissecação das artérias coronárias previamente injetadas com solução de Neoprene Látex. As peças foram numeradas para que fosse facilitada a tabulação dos resultados. Os ramos interventriculares, paraconal ou esquerdo e subsinuoso ou direito foram divididos em terços proximal, médio e distal. O ramo esquerdo apresentou 10,00% das pontes no terço proximal, 23,34% no terço médio e 20,00% no terço distal. Em 10,00% dos corações, foram encontradas pontes em mais de uma localização num mesmo ramo interventricular. Em 13,33% dos corações estudados, observaram-se pontes de miocárdio nos ramos interventriculares direito e esquerdo. Não foram visibilizadas pontes em nenhum dos ramos estudados em 23,33% dos corações.

Estudo prospectivo de 12 casos de obstrução das vias lacrimais tratados pela dacriocistorrinostomia

Jardim, J. A. *; Andrade, A. L.

Doenças do sistema lacrimal constituem-se como um problema comum e frequente na prática clínica de pequenos animais e são causadas por alterações

congênitas ou adquiridas que levam a uma obstrução parcial ou total do sistema de drenagem lacrimal. As doenças do sistema lacrimal podem, em geral, ser tratadas clinicamente, porém, em alguns casos, o tratamento cirúrgico se torna imprescindível. Este trabalho teve por objetivo avaliar os aspectos clínico-cirúrgicos pós-operatórios de 12 cães com obstrução nas vias lacrimais, que apresentavam epífora e cromodacriorreia e foram tratados pela dacriocistorrinostomia. Em todos os animais, foi realizado o exame oftalmológico de rotina, em especial, o Teste da lágrima de Schirmer I e Teste de Jones, a fim de diferenciar epífora de lacrimação. Todos eles foram tratados pela técnica de dacriocistorrinostomia. O procedimento foi realizado em 23 olhos. Os animais foram avaliados aos 7, 15, 30, 60, 120 e 240 dias de pós-operatório quanto ao blefarospasmo, hiperemia conjuntival, secreção ocular, presença de ceratite ulcerativa e Teste de Jones. Foi observada a presença de ceratite ulcerativa induzida pela presença do tubo mal posicionado na conjuntiva em três olhos e apenas nesses animais foi observado blefarospasmo intenso, que diminuiu após serem instituídos a terapia clínica e o reposicionamento do tubo no óstio conjuntival neoformado. A hiperemia conjuntival e a secreção ocular mucoide foram patentes até o 15º dia e diminuíram progressivamente até o 60º dia, quando os tubos foram removidos, tornando-se ausentes até o final da avaliação. O teste de Jones foi “negativo” até os 60 dias de pós-operatório, tornando-se “positivo” nos períodos subsequentes da avaliação. Acredita-se que tal fato tenha ocorrido devido à obstrução do tubo pela presença de secreção. No entanto, após a remoção dos mesmos, notou-se a patência do neotrajeto em 65,2% (n = 15 olhos) durante todo o período de avaliação e recidiva do quadro de epífora e cromodacriorreia em 34,8% (n = 8 olhos), que ocorreram em média aos 120 dias de pós-operatório. Com base nos resultados, pode-se concluir que a dacriocistorrinostomia é uma alternativa viável de tratamento para obstrução das vias lacrimais, embora, em longo prazo, os neotrajetos criados cirurgicamente possam estenotar, propiciando o retorno dos sinais clínicos gerados pela doença.

Palavras-chave: Cães, vias lacrimais, obstrução, dacriocistorrinostomia.

*jo@splicenet.com.br

Faculdade de Medicina Veterinária – Universidade Estadual Paulista – Unesp – campus de Araçatuba

Exame ultrassonográfico em cães com alterações hepatobiliares. Estudo retrospectivo de 43 casos atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Viçosa

Sarto, C. G.1; Hage, M. C. F. N. S.2

A avaliação hepatobiliar é uma das principais aplicações da ultrassonografia abdominal em pequenos animais, sendo as anormalidades ultrassonográficas classificadas em doenças difusas (ecogenocidade diminuída, aumentada ou mista), anormalidades focais, doenças da vesícula e canais biliares, e anormalidades da veia porta e hepática. Neste estudo, foram analisados retrospectivamente os laudos ultrassonográficos da região abdominal de cães com suspeita de alterações do sistema hepatobiliar oriundas do atendimento no Setor de Radiologia do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Viçosa no período compreendido entre 1º de julho de 2008 a 27 de fevereiro de 2009. O presente trabalho teve como principal objetivo coletar informações quanto às principais alterações ultrassonográficas hepatobiliares visibilizadas em cães atendidos no Hospital Veterinário. No estudo, foram avaliados 43 cães com alterações ultrassonográficas do sistema hepatobiliar. Desses, 23 (53,49%) eram

fêmeas e 20 (46,51%), machos, sendo a distribuição da faixa etária bimodal entre 6 e 10 anos (48,83%), e 11 e 15 anos (27,91%). Não se observou predileção sexual, prevalecendo cães sem raça definida, 15 (34,88%). As alterações ultrassonográficas hepáticas em ordem decrescente de incidência foram hepatomegalia, bordas hepáticas arredondadas, congestão venosa, hiperecogenicidade do parênquima e detecção de nódulos, seguidas pelas alterações difusas de ecotextura. Já as alterações ultrassonográficas biliares nos casos estudados, em ordem decrescente de incidência, foram detecção de lama biliar e concreções biliares, seguidas pelo conteúdo hipoeicoico e pelo espessamento e hiperecogenicidade da parede da vesícula biliar. Este trabalho demonstrou que os achados ultrassonográficos ajudaram na detecção de alterações morfológicas hepatobiliares. Dessa forma, o exame ultrassonográfico atuou como exame de triagem, auxiliando na exclusão de alguns diagnósticos diferenciais. Porém, na maioria dos casos, necessita ser complementado com exames para caracterização histológica.

1 Mestranda do Setor de Radiologia do Departamento de Veterinária da Universidade Federal de Viçosa

2 Professora Doutora Adjunta II do Departamento de Veterinária da Universidade Federal de Viçosa

Gnathia sp. em peixe marinho importado *Pseudochromis bicolor* de aquário doméstico: Relato de caso

Araujo, A. P. 1; Ishikawa, R. T. 2; Montano, A. P. 2; Pérez, A. C. A. 3

Foi recebido no laboratório um peixe ornamental marinho importado (*Pseudochromis bicolor*) para necropsia e pesquisa de parasitos. O animal chegou morto, embalado em saco plástico, já em autólise e sem história clínica. Ao contato com o médico veterinário requisitante das análises, fomos informados de que o peixe era oriundo de aquário marinho (reef) particular, que continha também rochas, corais e anêmonas ornamentais. O proprietário, ao colocar o peixe recém-adquirido no aquário, observou que vários “parasitos pretos e pequenos” infestaram o seu corpo. Outros peixes adquiridos juntamente também sofreram a infestação no mesmo momento. A análise parasitológica no animal revelou-se negativa, porém, o estudo da água que acompanhava o animal mostrou a presença dos parasitas, que provavelmente desprenderam-se do animal quando foi a óbito. Os parasitas encontrados foram identificados como sendo *Gnathia* sp., isópoda da família *Gnathiidae*, crustáceos de vida livre relatados em ambientes marinhos e dulcícolas. Os gnatídeos são parasitas hematófagos, porém apenas nas fases larvares (praniza e zuphea). Na fase adulta, não se alimentam. A espécie *G. africana* pode atuar como vetor de *Haemogregarina bigemina*. A intensidade da parasitose pode atingir cerca de cem larvas por hospedeiro e o volume de sangue ingerido pelas larvas de maiores dimensões é de cerca de 0,07 ml. As larvas alojam-se na cavidade gástrica de anêmonas do mar e tunicados e na pele ou brânquias do peixe. As formas adultas vivem em esponjas, tunicados ou poliquetas. A patogenia inclui necrose de tecido epitelial no local de fixação e retardo no crescimento. Segundo a literatura, infestações maciças podem matar pequenos peixes. Nesse caso, infelizmente, não foi possível obter informações da patogenia sobre essa espécie de peixe. O objetivo deste trabalho é relatar a ocorrência de gnatídeo em aquário ornamental marinho doméstico e a relação epidemiológica entre peixes e invertebrados aquáticos ornamentais marinhos.

1 Diretora Técnica da Acquapiscis S/C Ltda

2 Médico Veterinário Acquapiscis

3 Pesquisadora Científica APTA/SP